DOI: https://doi.org//10.21747/16466195/ling2022v1a6

Representação do discurso *outro* no enquadramento teórico do género artigo científico[1]

Ana Sofia Pinto
sofiapinto.as@hotmail.com
Faculdade de letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

ABSTRACT.

The scientific article genre often uses other voices to report their speech, being one of the main parameters of this textual genre. Thus, these voices are summoned in an argumentative strategy, persuading a relevant research community to consider a given. The discourse report is the object of study of several authors (Swales 1986, Authier-Revuz 1982, 2008, Duarte 1999, 2008, 2020, Boch & Grossmann 2002, Rabatel 2012, e.o), focusing on some of these works in scientific discourse (Hyland 1999, 2002, Jorge & Luís 2018, e.o) and, within this discursive domain, in the scientific article genre (Swales 1990, Hyland 2001, Marques 2020, e.o). The main objective of this work is to analyze the representation of the other discourse in the section of the literature revision of the scientific article textual genre. In articulation with this general objective, some more specific objectives were established: a) to analyze the distribution and predominance of the strategies of representation of the other discourse and b) to verify if these strategies differ in the studied areas. To achieve these objectives, a corpus of 30 scientific articles (15 from Linguistics and 15 from Education) was constituted, whose text plan corresponds to the IMRDC structure (Swales 1990, e.o.). This investigation follows a mixed methodology that consists, in general, in the identification of the bibliographic referencing strategies and the strategies of representation of the discourse reported in the corpus. For the proposed analysis, the theoretical-methodological framework of Marques (2020) was taken as a reference, which identifies bibliographic referencing strategies and citation strategies in eight scientific articles, considering the articles in their entirety. As for the results of this investigation, we observed that the most common form of reported speech is indirect speech, both in the entire corpus and comparatively. At the level of linguistic formatting of each of the identified strategies, we verified the existence of some variety in its textualization, with consequences in the expression of different points of view of the speaker about the other speech and the fulfillment of the objectives of its call, in accordance with the results of other studies (cf., among others, Marques 2020).

KEYWORDS.

Academic-scientific discourse; scientific article; speech report.

---

1 Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do Curso de Doutoramento em Ciências da Linguagem da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e foi apoiado pela FCT- Fundação para a Ciência e Tecnologia (Portugal) e pelo Centro de Linguística da Universidade do Porto (FCT-UIDB/00022/2020) através da Bolsa de Doutoramento UI/BD/150975/2021.

RESUMO.

O género artigo científico recorre frequentemente a outras vozes para legitimar o seu discurso, sendo o relato de discurso um dos principais parâmetros deste género textual. Assim, essas vozes são convocadas numa estratégia argumentativa, procurando persuadir uma determinada comunidade científica a considerar relevante uma dada pesquisa. O relato de discurso é objeto de estudo de vários autores (Swales 1986, Authier-Revuz 1982, 2008, Duarte 1999, 2008, 2020, Boch & Grossmann 2002, Rabatel 2012, e.o.), focando-se alguns destes trabalhos no discurso científico (Hyland 1999, 2002, Jorge & Luís 2018, e.o.) e, dentro deste domínio discursivo, no género artigo científico (Swales 1990, Hyland 2001, Marques 2020, e.o.). O principal objetivo deste trabalho é analisar a representação do discurso *outro* na secção do enquadramento teórico do género textual artigo científico. Em articulação com este objetivo geral, foram estabelecidos alguns objetivos mais específicos: a) analisar a distribuição e predomínio das estratégias de representação do discurso *outro* e b) verificar se estas estratégias diferem nas áreas estudadas. Para a consecução destes objetivos, constituiu-se um *corpus* de 30 artigos científicos (15 de Linguística e 15 de Educação), cujo plano de texto corresponde à estrutura IMRDC (Swales 1990, e.o.). Esta investigação segue uma metodologia mista que consiste, de um modo geral, na identificação das estratégias de referenciação bibliográfica e das estratégias de representação do discurso relatado no *corpus*. Para a análise proposta, foi tomado como referência o quadro teórico-metodológico de Marques (2020), que identifica as estratégias de referenciação bibliográfica e as estratégias de citação em oito artigos científicos, tendo em conta os artigos na sua totalidade. Quanto aos resultados desta investigação, observamos que a forma de discurso relatado mais frequente é o discurso indireto, tanto na globalidade do *corpus* como comparativamente. No que diz respeito às outras estratégias, a diferença não é estatisticamente significativa para se poder estabelecer uma correlação entre a área científica em que circulam os artigos e a frequência e o predomínio destas estratégias em cada um dos subcorpora. Ao nível da formatação linguística de cada uma das estratégias identificadas, verificamos a existência de alguma variedade na sua textualização, com consequências na expressão de diferentes pontos de vista do locutor sobre o discurso *outro* e do cumprimento dos objetivos da sua convocação, em conformidade com os resultados de outros estudos (cf., entre outros, Marques 2020).

PALAVRAS-CHAVE.
Discurso académico-científico; artigo científico; relato de discurso.

Para a Professora Doutora Fátima Oliveira, com muita estima.

1.Introdução

O artigo científico é um dos géneros textuais privilegiados para a partilha de conhecimento científico. Por esse motivo, deve ser sustentado por pesquisas anteriores, que, entre outras funções, argumentam a favor da sua relevância e contribuem para a construção da imagem do investigador

como membro de uma comunidade científica. Conforme Pinto (2018:15), "há, de facto, uma relação bidirecional entre o cientista que produz um determinado trabalho científico e o cientista ou comunidade científica, seus interlocutores, que irão ver e analisar criticamente esse trabalho". A recuperação de outros trabalhos e, por isso, de outras vozes, é considerada um dos principais parâmetros deste género.

A seleção deste género textual para a nossa análise prende-se com o facto de a representação do discurso relatado (RDR) ser utilizada com objetivos próprios que se relacionam com a finalidade dos artigos científicos. Neste género, é esperada uma multiplicidade de vozes, sendo da responsabilidade do locutor a seleção destas, tendo em conta o tema e os objetivos da sua pesquisa. O relato de discurso (RD) é transversal a todas as áreas de estudo, uma vez que não se pode fazer uma investigação sem ter por base teorias, propostas e, por isso, outras vozes.

O RD tem vindo a ser objeto de estudo de vários autores (Swales 1986, Authier-Revuz 1982, 2008, Duarte 1999, 2008, 2020, Boch & Grossmann 2002, Rabatel 2012, e.o.), focando-se alguns destes trabalhos no discurso científico (Hyland 1999, 2002, Jorge & Luís 2018, e.o.) e, dentro deste domínio discursivo, no género artigo científico (Swales 1990, Hyland 2001, Marques 2020, e.o.).

Os estudos acerca deste tema são em número reduzido para o PE, sobretudo os que relacionam o RD com o artigo científico (Marques 2020).

Este estudo centra-se na análise da RDR num *corpus* composto por 30 artigos científicos, 15 de Linguística e 15 de Educação. O principal objetivo deste trabalho é analisar a representação do discurso *outro* na secção do enquadramento teórico do género artigo científico. A opção por esta secção do artigo científico justifica-se por aí se verificarem sistematicamente movimentos argumentativos, para os quais contribui de forma recorrente a convocação de outras vozes, atualizada com recurso a diferentes estratégias. Em articulação com este objetivo geral, foram estabelecidos alguns objetivos mais específicos: a) analisar a distribuição e predomínio das estratégias de representação do discurso *outro* e b) verificar se estas estratégias diferem nas áreas estudadas. Esta investigação segue uma metodologia mista, isto é, quantitativa e qualitativa, que consiste sobretudo na identificação das estratégias de referenciação bibliográfica e das estratégias de RDR no

corpus. Para a análise proposta, foi tomado como referência o quadro teórico-metodológico de Marques (2020), que identifica as estratégias de referenciação bibliográfica e as estratégias de citação em oito artigos científicos, na sua totalidade.

Este artigo está estruturado em duas partes, destinando-se a primeira ao enquadramento teórico (secção 2) e a segunda, ao estudo empírico (secção 3). Assim, na secção 2, estabelecemos o quadro teórico deste estudo, apresentando algumas considerações sobre o discurso relatado (2.1.), o discurso académico-científico, o género artigo científico (2.2.) e o discurso relatado no contexto do género artigo científico.

Na secção da análise, baseando-nos na proposta de Marques (2020), analisamos o uso das estratégias de referenciação, bem como das estratégias de RDR. Finalmente, serão discutidos os resultados, o que nos permitirá tecer algumas considerações finais.

2. Enquadramento teórico

2.1. Discurso relatado

Uma das características de qualquer discurso é o facto de ser polifónico e dialógico, uma vez que permite coabitar várias vozes numa única voz (Duarte 1999). Ambos os conceitos são imprescindíveis num estudo acerca do RD. A polifonia diz respeito à presença de uma pluralidade de vozes num enunciado e à forma como estas interagem entre si. Este conceito conduz-nos ao de dialogismo, este utilizado não no sentido estrito de diálogo entre interlocutores face a face, mas admitindo que faz parte de toda a comunicação verbal, o que justifica o caráter dialógico da linguagem (Bakhtin 1984).

O discurso nunca é, por isso, totalmente novo, mas sim o resultado da relação com outros discursos. Como refere Authier-Revuz (2008: 118), apoiando-se na teoria de Bakhtin, "nenhuma palavra é nova, nem neutra mas "carregada" de um "já-dito"". Por esse motivo, a mesma autora salienta que, sempre que falamos, entramos em relação dialógica com outros discursos. Na mesma linha de pensamento, Bessa (2007: 52) afirma que "o

que dizemos, em qualquer instância comunicativa que seja, ecoa sempre as palavras de outrem, retoma outros textos, em outros termos, sempre que falamos, habitam, em nossas palavras, outras vozes que não a nossa". Estes autores reiteram as palavras de Bakhtin acerca da intertextualidade dos enunciados, pois também este sublinha que "un énoncé est rempli des échos et des rappels d'autres énoncés, auxquels il est relié à l'intérieur d'une sphère commune de l'échange verbal" (1984: 324).

Tendo em conta esta multiplicidade de vozes, importa distingui-las num enunciado. Em 1984, Ducrot distingue as diferentes vozes, classificando-as em locutores e enunciadores, pois os primeiros utilizam a voz dos segundos, assumindo uma determinada posição em relação ao que é dito pelos enunciadores (1984: 193). Além disso, Ducrot (1984: 154) afirma que é ao locutor que devemos atribuir a responsabilidade do enunciado. Rabatel (2012: 2), baseando-se nos conceitos propostos por Ducrot (1984), utiliza a mesma etiquetagem, sendo que o locutor é "defini par la profération ou scription d'une actualisation langagière de longueur variable" e o enunciador é "defini comme un sujet modal à partir duquel la construction des productions langagières est envisagée". À forma como estas vozes estão expressas nos enunciados, Authier-Revuz chama de heterogeneidade enunciativa, subdividindo-a em heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada. A primeira, apesar de não surgir na organização linear do discurso através de marcas linguísticas, está presente quando o discurso é colocado em relação de alteridade. Por seu lado, a heterogeneidade mostrada diz respeito à forma como o discurso do outro pode ser materializado no nosso, seja através de tipos de discurso ou de outros marcadores (aspas, itálico, e.o.) (Bernardino 2015: 55). No âmbito destas possibilidades de materialização discursiva, focamos este estudo nos tipos de relato de discurso ou tipos de citação.

A citação é um fenómeno bastante recorrente, sobretudo se tivermos em conta determinados géneros textuais, especialmente os que circulam na esfera académica ou académico-cientifica[2] (Coutinho 2019, Rosa 2020). Deste modo, o autor cita

2 Utilizamos o termo académico-científico uma vez que, tal como Rosa (2020), consideramos não estarem totalmente definidas as fronteiras destes domínios quanto ao género em estudo, o artigo científico.

> To distinguish one's own work from that of others, to accord credibility and authority to one's knowledge and ideas, to contextualise one's ideas within a broader intellectual and academic discourse, to allow readers to establish the veracity of source material, to demonstrate the depth and the breadth of one's reading ans scholarship, to make apparent one's original contribution to the subject in relation to studies that preceded it".
>
> Sibanda (2020: 219)

Swales (1990) divide as citações em integrais e não integrais, podendo, em ambos os casos, reproduzir as palavras originais do autor através das citações diretas ou sumarizá-las. Por sua vez, Authier-Revuz, em 1982, apresenta a sua proposta dividindo o RD em formas marcadas unívocas (discurso direto (DD), discurso indireto (DI), Modalização em discurso segundo e modalização autonímica) e formas puramente interpretativas (discurso direto livre (DDL), discurso indireto livre (DIL) e citações escondidas).

Para enquadrar este tema no âmbito dos estudos acerca do PE, apresentamos as propostas de Duarte (1999, 2020) e Marques (2020). Duarte (1999) estudou o RD na ficção narrativa e classificou as suas formas em DD, DDL, DI, DIL e formas difusas de citação (discurso disperso na narração e modalização autonímica, ironia, alusão, eco e perguntas-eco, conflitualidade e condicional de alteridade enunciativa). Em 2020, a autora aborda o mesmo tema apresentando uma tipologia geral do RD, ou seja, não específica de um determinado género textual, verificando-se algumas alterações nas formas difusas de citação, denominando-as de formas híbridas, onde integra o DI sem subordinação, as citações livres e o DI canónico. Finalmente, Marques (2020) classifica os tipos de RD em discurso narrativizado (DN), DD, DI, ilhotas textuais (IT) e discurso modalizado (DM).

Como vimos através dos conceitos referidos nesta secção, um enunciado é sempre construído na sua relação com outras vozes, tendo por base outros enunciados, estando essas vozes presentes de forma constitutiva ou mostrada. O discurso relatado "é tanto uma enunciação na enunciação, quanto uma enunciação sobre a enunciação. Isso significa que o discurso reportado inclui – além de um redizer do dizer de outra pessoa – uma atitude

avaliativa" (Consul 2008: 90). Por isso, o RD, sendo uma das possíveis manifestações de outras vozes, constitui um fenómeno de desdobramento enunciativo (Marques 2020: 5).

2.2. O discurso académico-científico e o género artigo científico

O RD é um mecanismo natural e inevitável nos géneros textuais que circulam na esfera académico-científica. Para Hyland (1999: 341), "academic writers do not only need to make the results of their research public, but also persuasive, and their success in gaining acceptance for their work is at least partly dependent on the strategic manipulation of various rhetorical and interactive features". O discurso académico-científico é um domínio discursivo no qual se inserem práticas discursivas situadas na interface do discurso académico e do discurso científico, entre elas, teses, relatórios, conferências e artigos científicos.

O artigo científico é um dos géneros privilegiados no campo do discurso académico-científico. A importância dos discursos que fazem parte deste domínio resulta do facto de estes não serem "meros veículos, transparentes e exteriores à construção do saber científico", pois "escrever ciência não é só falar sobre ciência, é fazer ciência, porque o conhecimento científico se constrói em discursos" (Marques 2020: 11). Este género textual tem as suas próprias características estruturais e de textualização, que se relacionam com a atividade social em que o género se insere, tal como com o seu objetivo. Para Charaudeau

> a finalidade do discurso científico se caracteriza por uma visada demonstrativa, um querer estabelecer uma verdade para a qual é necessário desenvolver uma atividade de argumentação que situa alguns tipos de raciocínios e a escolha de argumentos que devem desempenhar o papel de prova.
>
> Charaudeau (2016: 551)

O artigo científico é tido como um género ritualizado que respeita uma determinada estrutura. Quanto à sua infraestrutura geral, Swales (1990) propõe que esta siga a estrutura IMRDC (introdução, métodos, resultados,

discussão e conclusão). No entanto, para Adam (2002), a estrutura dos artigos científicos pode variar de acordo com o tipo de investigação e com a área na qual o artigo circula, associando aos artigos das ciências exatas a estrutura IMRDC e aos artigos das ciências sociais e humanas uma estrutura por tópicos (Adam 2002), o que nos leva a concordar com Marques (2020: 20) quando afirma que "a ritualização mais ou menos forte a que os géneros são submetidos nunca é total".

No que respeita as condições de produção deste género, temos por base o ISD de Bronckart (1996) para a sua análise textual. Deste modo, o artigo científico é produzido em universidades ou centros de investigação, o emissor e o recetor são ambos especialistas de uma determinada área e, no que respeita ao seu objetivo, é o de

> comunicar os resultados de pesquisas, ideias e debates (...); servir de meio de comunicação e de intercâmbio de ideias entre cientistas da sua área de atuação e levar os resultados do teste de uma hipótese, provar uma teoria (tese, trabalho científico).
>
> Costa (2011)

O investigador-autor procura, assim, ocupar o seu lugar dentro da comunidade científica. Para isso, procura persuadir os seus interlocutores, argumentando a favor da relevância da sua pesquisa e dos seus resultados. São vários os fatores que contribuem para a construção da imagem do investigador e para a argumentação quanto à importância do seu trabalho. Entre eles, está o conhecimento acerca das teorias relativas a determinado tema, ou seja, o conhecimento que o autor tem acerca do estado da arte. Por essa razão, é inevitável que um investigador faça referência a outros autores e, por conseguinte, a outros discursos, tornando o referenciamento um parâmetro obrigatório (Marques 2020: 12).

O discurso académico-científico, mais do que transmitir conteúdo disciplinar, é um ato de identidade, na medida em que manifesta uma representação do autor.

2.3. O RD no género artigo científico

Considerando as condições de produção do género artigo científico referidas na secção 2.2, as estratégias de RD são esperadas neste género textual, pois, conforme Hyland (1999: 33), "citation helps to define a specific context of knowledge or problem to which the current work is a contribution, and therefore more references are now discussed in greater detail throughout the article". Doğan *et al.* (2018) sublinham também a importância do referenciamento, na medida em que "using other researchers' views, arguments and research findings in another scientific text is a proeminent feature, and meanwhile, a necessity in scholarly writing to justify arguments and claims".

O RD conta com várias investigações no âmbito de diversos géneros textuais dentro do domínio académico-científico: teses de doutoramento (Soler-Monreal & Gil-Salom 2011, Doğan *et al.* 2018, Sibanda 2020), dissertações de mestrado (Doğan *et al.* 2018) e artigos científicos (Swales 1990, Hyland 1999, Marques 2020).

Tendo em conta o plano de texto dos artigos científicos e as características das suas secções, decidimos observar o fenómeno do RD no enquadramento teórico. A seleção desta secção deve-se ao facto de este ser um espaço polifónico por excelência, verificando-se aqui a grande parte dos movimentos argumentativos do texto. De acordo com Swales (1990), é no enquadramento teórico (ou revisão da literatura) que encontramos normalmente a referência a estudos anteriores, sendo também aqui que se cria o contexto no qual se situa a investigação.

No panorama do PE, são escassos os estudos que correlacionam o RD com o género artigo científico. Por esse motivo, tomamos como referência o quadro teórico-metodológico de Marques (2020), que identifica as estratégias de referenciação bibliográfica e as estratégias de citação[3] em oito artigos científicos, na sua totalidade. A opção por esta proposta prende-se com o facto de ser das mais atuais para o PE acerca desta temática e, sobretudo, por ser aplicada ao género artigo científico. No quadro seguinte,

3 Boch e Grossmann (2002) utilizam o termo evocação como sinónimo dos processos de referenciação bibliográfica de Marques (2020) e nas estratégias de citação incluem a reformulação, a citação e as ilhotas textuais. Authier-Revuz (2008) para as estratégias de citação, utiliza o termo "representação do discurso outro".

expomos de forma sintetizada a proposta de Marques (2020).

QUADRO 1 – Proposta tipológica de Marques (2020).

	Estratégia	**Definição**
Estratégias de referenciação	Referências Simples	São utilizadas quando se faz referência a uma única obra, podendo esta ter coautores.
	Referências Múltiplas	Referem-se a mais do que uma obra, mesmo sendo do mesmo autor.
	Autorreferências	Sinalizam que o próprio autor do estudo faz referência a uma obra da sua autoria.
Estratégias de RDR	DN	Ocorre em situações nas quais não está explícito o que foi dito, mas é feita uma condensação do discurso citado.
	DD	O enunciado citado está presente literalmente no enunciado citante.
	DI	Surge quando o locutor apresenta por palavras suas o discurso do enunciador citado.
	IT	Palavras ou expressões que surgem no enunciado citante, permitindo que haja uma desresponsabilização por esses termos por parte do locutor.
	DM	Discurso muito próximo do DI, distinguindo-se, no entanto, deste por ser introduzido por modalizadores ou mediadores que permitem ao leitor atribuir a responsabilidade do que é dito ao enunciador do discurso e não ao locutor.

3. O Estudo

Tendo por base o enquadramento teórico feito na secção 2 deste trabalho acerca do RD e do género artigo científico, procuraremos, na secção 3, aplicar estes conceitos tendo como fundamento a proposta de Marques (2020), sustentada por outras propostas sempre que necessário.

3.1. Corpus e Metodologia

O *corpus* deste estudo é constituído por 30 artigos científicos, sendo 15 da área da Linguística e 15 da área da Educação.

Os artigos de Linguística foram extraídos de duas revistas: *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* e *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies,* do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. Os artigos de Educação, por sua vez, foram extraídos da *Revista Portuguesa de Educação,* da Universidade do Minho. Todos os artigos foram publicados *online* entre os anos de 2016 e 2020 e em repositório de livre acesso. A opção por estas áreas científicas deve-se ao facto de procurarmos verificar se dentro de duas áreas das ciências sociais e humanas, se observam resultados significativamente distintos quanto ao uso das estratégias de RD.

Adotamos para este estudo uma metodologia mista que consistiu nas seguintes etapas: a) extração dos 30 artigos científicos; b) preparação do *corpus* (etiquetagem dos textos: L1, L2, E1, E2...); c) recorte da secção do enquadramento teórico de cada texto; d) análise do *corpus* em função das categorias para a anotação (com base em Marques 2020); e) anotação das estratégias de referenciação e das estratégias de RD de cada um dos *subcorpora*; f) verificação da anotação por um segundo anotador, especialista; g) quantificação dos dados do subcorpus 1; h) quantificação dos dados do *subcorpus* 2; i) apresentação qualitativa e quantitativa dos dados e, finalmente, j) discussão dos resultados.

3.2. Resultados

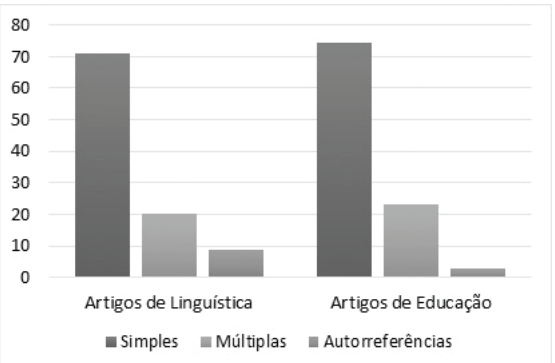
Nesta secção, são apresentados os resultados da anotação do *corpus*

quanto às estratégias de referenciação e às estratégias de RDR.

3.2.1. Estratégias de referenciação bibliográfica

Conforme explicitado em 2.3, os autores podem referir outras obras no seu estudo utilizando para isso referências simples, múltiplas e autorreferências (Marques 2020).

GRÁFICO 1 – Estratégias de referenciação bibliográfica no *corpus (%)*



O gráfico (1) permite-nos observar que o uso das estratégias de referenciação bibliográfica apresenta a mesma tendência nos dois *subcorpora*, ou seja, tanto nos artigos de Linguística como nos artigos de Educação, a estratégia de referenciação mais frequente é a referenciação simples (L: 71%; E: 74,24%). Em segundo lugar, mas com uma frequência significativamente inferior (L: 20%; E: 23,03%), encontram-se as referências múltiplas e, por fim, as menos utilizadas são as autorreferências (L: 9%; E: 2,73%).

3.2.1.1. Referências simples

Tendo em conta a definição de Marques (2020) apresentada em 2.3, os exemplos (1) e (2) expressam casos de referenciação simples:

(1) Acresce que, segundo *Adam* e *Heidmann (2007),* cada texto participa de um género (ou de mais do que um), cujas propriedades atualiza. (L4)

(2) A linguagem digital faz parte das vidas destes nativos digitais, podendo até alterar os seus padrões de pensamento e a forma como aprendem *(Prensky, 2001).* (E3)

No exemplo (1), há uma referência simples a uma única obra que foi elaborada por dois autores e, no exemplo (2), temos um caso de referência simples a uma obra com um único autor.

3.2.1.2. Referências múltiplas

As referências múltiplas, por sua vez, referem-se a mais do que uma obra, mesmo sendo do mesmo autor.

(3) Em Portugal verifica-se que se para o ensino básico e secundário a legislação e as práticas têm sido mais consistentes, no ES escasseia a legislação *(Bisol & Valentin, 2012; Castanheira, 2013; Fernandes & Almeida, 2007; Melo* e *Martins, 2016; Santos et al., 2015).* (E6)

(4) No que diz respeito à distribuição da informação no texto científico, *Swales (1987, 1990, 2004)* propõe a existência de três planos de texto prototípicos nas teses académicas. (L10)

Nos exemplos (3) e (4), ocorrem dois casos de referências múltiplas distintos. No exemplo (3) são referidos cinco estudos diferentes e de vários autores e, no exemplo (4), apesar de se registar um único autor, são referidos três estudos diversos.

3.2.1.3. Autorreferências

Finalmente, as autorreferências sinalizam que o próprio autor do estudo faz referência a uma obra da sua autoria. Esta atitude do autor permite que este se integre numa determinada comunidade científica, possibilitando a criação de uma imagem mais credível (Marques 2020). Esta competência

permite que o autor se alinhe "with the socially shaped identities of their communities" (Hyland 2002: 1091).

(5) Como já referi, o trabalho empírico desenvolvido, cujos resultados apresentarei aqui, tem como antecedente imediato uma proposta de reflexão/problematização publicada em *Miranda (2008b)*. (L2)

(6) Isto implica conceber as escolas como comunidades cívicas caracterizadas por relações de confiança que são construídas pela participação democrática de todos os implicados nas instituições educativas *(Bolívar, 2006; Torres Santomé, 2011)*. (E8)

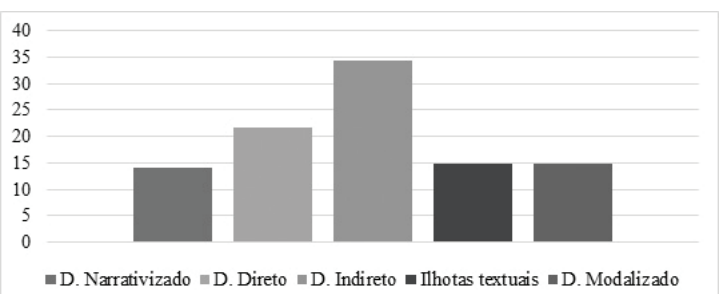
Os exemplos apresentados são casos de autorreferência, porque o enunciado do exemplo (5) é extraído de um artigo da autoria de Florencia Miranda e o do exemplo (6) faz parte de um artigo de Pedro Patacho e Jurjo Torres Santomé.

3.2.2. Estratégias de representação do discurso relatado

Nesta secção, observaremos os resultados relativos às estratégias de RDR, mais uma vez baseando a nossa análise na proposta de Marques (2020).

No gráfico (2), apresentamos a quantificação das estratégias de RDR no *corpus* total, em termos absolutos.

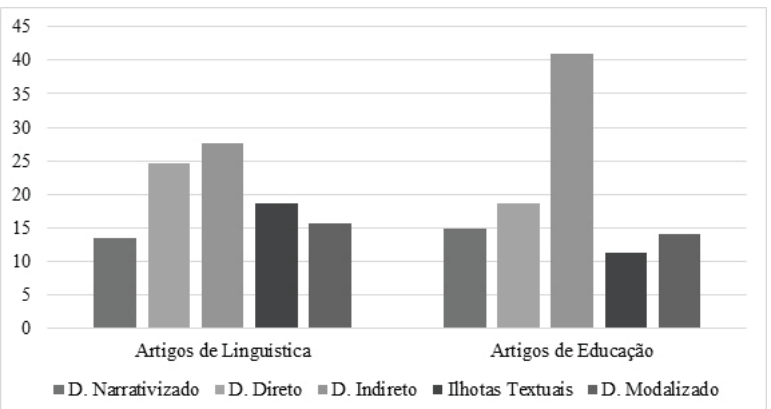
GRÁFICO 2 – Números absolutos das estratégias RDR no *corpus (%)*



Os dados revelam que, do conjunto de estratégias utilizadas, cerca de 34% (34,33%) corresponde ao DI, sendo este, por conseguinte, o tipo de RD mais frequente. O segundo tipo mais frequente é o DD, com 21,64% das estratégias utilizadas, tendo os outros três tipos de discurso uma expressão muito semelhante entre si e mais baixa em relação às outras estratégias (cerca de 14%).

A observação dos dados relativos a cada um dos *subcorpora* (gráfico 3) permite compará-los quanto aos resultados referentes às estratégias de RDR.

GRÁFICO 3 – Estratégias de RDR no *corpus* por área de estudos (%)



Os dados permitem concluir que os dois *subcorpora* apresentam os cinco tipos de RD propostos por Marques (2020): o DN, DD, o DI, as IT e o DM. Podemos observar que o tipo de RD mais frequente se mantém, no entanto, com maior expressão no *subcorpus* de Educação. A segunda estratégia mais utilizada continua a ser o DD e, quanto às estratégias menos frequentes, a tendência mantém-se com alterações pouco significativas entre si.

As propostas de Duarte (1999, 2020) e Marques (2020) serão o nosso ponto de partida para a caracterização das estratégias de RDR referidas.

3.2.2.1. Discurso narrativizado

O DN está presente em situações em que não está explícito o que foi

dito, mas é feita uma condensação do discurso citado. Duarte (1999) utiliza o termo *sumário diegético*, referindo que este tipo de RD é o mais redutor, uma vez que não há reprodução de nenhum texto original. O narrador resume o assunto da conversa sem referir o seu conteúdo (Duarte 1999). Vejamos os exemplos (7) e (8):

(7) *Apoiados nas ideias de Bruner (1991),* entendemos que a narrativa representa as ações, intenções e significados atribuídos pelo autor no âmbito de determinado contexto, em interação com os pares e com os instrumentos da cultura. (E2)

(8) O presente trabalho dá, assim, continuidade *ao exposto em Afonso, Gonçalves & Freitas (2013)*, aplicando-se o mesmo desenho experimental a uma amostra mais alargada. (L12)

Nos exemplos (7) e (8), verificamos que há referência a determinada obra e ao seu conteúdo, sem o explicitar, através de expressões como as *ideias de Bruner (1991)* e o *exposto em Afonso, Gonçalves & Freitas (2013)*.

3.2.2.2. Discurso direto

O DD surge quando o enunciado citado está presente literalmente no enunciado citante. Para além disso, é normalmente assinalado tipograficamente por aspas (Marques 2020). Para Duarte, o DD mantém o sistema dêitico do enunciador citado e, por isso, "a referenciação dêitica do discurso relatado faz-se em relação ao *aqui* e ao *agora* do locutor primeiro" (2020: 2591). Este tipo de representação do discurso relata e evoca uma determinada situação de enunciação, mantendo os deíticos e tempos verbais. Em termos de responsabilidade enunciativa, o relator, apesar de ser o locutor da enunciação introdutora, "delega em outro locutor a responsabilidade do discurso relatado" (Duarte 1999: 59).

(9) Todo o processo decorre numa interação colaborativa, que Alarcão (2014) define como *"meio para a realização de um trabalho conjunto com finalidade à vista"* implicando *"uma atitude de abertura aos outros e ao próprio trabalho"* (p.22). (L10)

(10) O amadurecimento da ZDP, acrescenta Bazerman (2009), pode se dar a partir da *"participação colaborativa em atividades tipificadas e formas discursivas familiares ao instrutor, adulto ou mais qualificado, [colaborando] em algo que o aprendiz ainda não é competente"* (p.136), como é o caso de nossas atividades, inscritas no contexto universitário. (E13)

Através dos exemplos (9) e (10), verificamos que a parte do enunciado assinalada por aspas corresponde ao DD, ou seja, há uma representação literal dos enunciados citados.

3.2.2.3. Discurso indireto

O DI surge quando o locutor apresenta por palavras suas o discurso do enunciador citado. Normalmente, este tipo de discurso vem acompanhado de verbos de opinião como "argumentar, considerar, sugerir, notar" (Marques 2020: 27). Duarte (2020: 2594) refere que este tipo de RD apresenta na sua estrutura uma oração subordinante com verbo de comunicação + complementador + oração subordinada. Quanto ao sistema dêitico, ao contrário do DD, no DI são referenciados à situação de enunciação do relator. Duarte refere ainda que esta não é a única estrutura possível para o DI, sugerindo outras duas possibilidades: a ausência de forma verbal flexionada e quando o enunciado relatado é uma oração infinitiva.

(11) Adicionalmente, Flower e Hayes (1981) *concebem que o ato de escrever engloba três elementos: ambiente de tarefas, memória de longo termo do escritor e processos de escrita*. (E13)

(12) Apesar do complexo quadro, repleto de obstáculos teórico-metodológicos, como acabámos de expor, autores como Coutinho e Miranda (2009) *argumentam que a dificuldade em descrever géneros e a sua relação com os textos não equivale inevitavelmente à impossibilidade de os caracterizar*. (L4)

Nos exemplos (11) e (12), verificamos discursos relatados através do uso do DI. Em ambos os casos, estamos perante a estrutura canónica referida

por Duarte (2020), sendo esta uma paráfrase[4] do enunciado original. Tal como foi mencionado, este discurso vem acompanhado de verbos de comunicação, presentes nos exemplos anteriores, neste caso, os verbos *conceber* e *argumentar*.

Os verbos introdutores de DI ou verbos de comunicação são verbos que expressam atividades verbais com a intenção de transmitir uma informação a outra pessoa. Além disso, estes verbos explicitam o próprio ato linguístico, permitindo determinar quem diz o quê a quem e de que forma o diz (Reyes 1993).

Para Maingueneau (1993), estes verbos requeridos pelo DI têm duas funções: a primeira é indicar que existe uma enunciação e a segunda é especificar semanticamente essa enunciação em diferentes registos.

No *corpus* deste estudo ocorrem os seguintes verbos introdutores de relato: *assumir, afirmar, argumentar, mencionar, indicar, explicitar, referir, concluir, constatar, atestar, defender, salientar, destacar, descrever, adiantar, confirmar, acrescentar, demonstrar, assinalar, evidenciar, advertir, enfatizar, mostrar, apresentar, realçar, apontar, conceber, sugerir, propor, definir, reconhecer*.

A escolha do verbo introdutor de DI tem consequências na interpretação do enunciado por parte do leitor, por isso, não é realizada aleatoriamente. Por outras palavras, há verbos que manifestam informações descritivas acerca da enunciação e outros que dizem respeito a informações avaliativas. Thompson e Ye (1991) classificam os verbos de comunicação tendo em conta os processos: *textual, mental* e *research*. A título exemplificativo (uma vez que os verbos de comunicação não são o foco deste estudo) podemos inserir nos *textual verbs* verbos como *destacar*, *propor*, *realçar* e *argumentar*. No caso dos *mental verbs*, apresentamos os verbos assumir e notar e, para exemplificar os *research verbs,* temos o verbo concluir.

3.2.2.4. Ilhotas textuais

As IT, por sua vez, definem-se como palavras ou expressões que surgem

4 Há autores que atribuem ao DI o termo *paráfrase*, na medida em que o locutor "escreve a ideia do autor consultado com suas próprias palavras" (Bessa *et al*. 2018: 199). De facto, concordamos com esta relação de equivalência entre os dois termos. Todavia, há quem associe à paráfrase a noção de reformulação. Neste contexto, parece-nos problemático assumir uma posição, uma vez que são conceitos que necessitam de ser aprofundados.

no enunciado citante, permitindo que haja uma desresponsabilização por esses termos por parte do locutor (Marques 2020). Conforme Authier-Revuz (*apud* Duarte 1999: 95), as IT são palavras que fazem parte do discurso citado e que se adaptam ao discurso citante. Além disso, surgem graficamente assinaladas, como observamos nos exemplos (13) e (14):

(13) Uma das designações de várias formas distintas de exprimir a posse é a "posse externa", no sentido definido por Payne & Barshi (1999) para abranger todos os casos em que o possuidor e o possuído não se encontram no mesmo constituinte. (L13)

(14) Esta "cultura de performatividade" (Ball, 2001) tem vindo a consolidar-se como paradigma das políticas públicas dos mais diversos países, através de processos de regulação nacionais e transnacionais, enquanto ideário estandardizado de normas, discursos e instrumentos, na conceção e legitimação de políticas de reforma (Barroso 2004). (E12)

O uso das expressões tipograficamente assinaladas "posse externa" (13) e "cultura de performatividade" (14) no interior do discurso permitem-nos inferir que são termos adotados de outros discursos e, por isso, há um afastamento por parte do locutor, desresponsabilizando-se pela sua enunciação.

3.2.2.5. Discurso modalizado

O DM diz respeito a um tipo de discurso muito próximo do DI, distinguindo-se, no entanto, deste por ser introduzido por modalizadores ou mediadores que permitem ao leitor atribuir a responsabilidade do que é dito ao enunciador do discurso e não ao locutor (Marques 2020). Para Authier-Revuz (2008), que utiliza o termo *modalização do discurso em discurso segundo*, o DM não é um discurso do qual se fala, mas sim um discurso através do qual se fala.

(15) Ora, *de acordo com Genette (1982),* a relação segundo a qual um texto resulta da transformação premeditada de um outro texto

pré-existente é uma relação de hipertextualidade. (L5)

(16) *Para Alarcão e Roldão (2008),* a supervisão deve preparar os formandos para a atuação em situações complexas de forma a desenvolverem "a observação crítica; a problematização e a pesquisa; o diálogo; a experienciação de diferentes papéis; o relacionamento plural e multifacetado; o autoconhecimento relativo a saberes e práticas" (p.54). (E4)

Os exemplos (15) e (16) dão conta de casos de DM através da presença de modalizadores como *de acordo com* e *Para*, que sinalizam que o que se segue é da responsabilidade de um enunciador que não coincide com o locutor do discurso citante.

Assim, estes modalizadores são mediadores de posicionamento, grupos preposicionais que dão conta de desdobramento polifónico, permitindo distinguir as vozes do locutor e do enunciador (Adam 2008). Adam (2008) rotula estes segmentos textuais de *marcadores de quadros mediadores ou fontes de saber*. A sua função é próxima da dos verbos introdutores do discurso relatado, uma vez que também possibilitam a identificação do enunciador/discurso citado (Jorge & Luís 2018: 242).

No *corpus* analisado, ocorrem oito mediadores de posicionamento diferentes: *Segundo, Para, Conforme, Como refere, De acordo com, Tal como é referido em, Tal como em, Na senda de,* havendo uma maior tendência para o uso de *Segundo* e *De acordo com*.

3.3. Discussão dos resultados

Neste estudo, procuramos verificar de que forma é representado o RD, à luz da proposta de Marques (2020).

No que respeita às estratégias de referenciação, através da análise quantitativa, verificamos através do gráfico (1), uma ocorrência superior de referências simples, em comparação com as referências múltiplas e autorreferências. Comparando as duas áreas em estudo, constatamos que o valor percentual de cada estratégia é similar, não havendo, por isso, diferenças significativas quanto ao seu uso.

De seguida, analisamos as estratégias de RDR e verificamos, através

dos gráficos (2) e (3), que todas as formas de RD presentes em Marques (2020) surgem também no nosso *corpus,* sendo a mais frequente o DI, tanto na globalidade do *corpus* como em termos comparativos, seguido do DD. Estes resultados coincidem com os de Reyes (1993), que diz que as estratégias de citação mais frequentes em todas as classes de textos são o DI e o DD. Authier-Revuz (1999 *apud* Jorge & Luís 2018) refere que, tendo em consideração as especificidades do discurso científico, este surge maioritariamente sob a forma de DI. Quanto aos tipos de RD menos frequentes são o DN, as IT e o DM. A análise comparativa dá conta de uma tendência quanto aos dois tipos de discurso mais utilizados: o DI e o DD.

O DI distingue-se do DD na medida em que nos parece haver uma maior proximidade entre o enunciado citado e o enunciado citante, uma vez que este último integra a voz do outro no seu enunciado, não o destacando através de marcas tipográficas, mostrando também uma maior responsabilidade pelo que é dito.

Quanto ao DD, este é utilizado por muitos cientistas-autores com o objetivo de transmitir autenticidade, de modo que o leitor tenha conhecimento das palavras realmente proferidas pelo enunciador citado. Uma outra justificação pode ter por base o facto de o locutor querer afastar-se da responsabilidade do enunciado ou, ainda, utilizar o DD com a finalidade de se mostrar objetivo (Bessa 2007: 62). Para Duarte (1999, 2020), os falantes recorrem ao DD não porque lhes seja exigida uma transcrição fiel, mas devido ao seu valor comunicativo.

É através do cruzamento de vozes que o cientista-autor procura integrar-se numa comunidade científica, mostrando que conhece os trabalhos realizados e marcando também a sua posição em relação a estes. Em termos comparativos, a análise dos dados não revelou a existência de diferenças significativas nos dois subcorpora em função da área científica em que se inscrevem os artigos, embora haja diferenças (cf. gráfico 3). Por isso, podemos afirmar que, mesmo tratando-se de duas áreas distintas, ocorrem todas as estratégias de referenciamento nos dois *subcorpora*, o que comprova que é um parâmetro do género textual em análise, posto em prática por todos os autores de artigos científicos.

Tendo em conta os nossos resultados e o estudo que serviu de ponto de partida para a nossa análise, parece haver uma orientação diferente, pois

no estudo de Marques (2020), as estratégias de RDR mais frequentes são o DN e o DM. Partindo do princípio de que é no enquadramento teórico que ocorre a maior parte dos movimentos argumentativos, parece haver diferença, tendo em conta os resultados. No entanto, a variável em análise é diferente, uma vez que a autora analisa o artigo na sua totalidade e o nosso estudo centra-se na secção do enquadramento teórico. Não podemos, por isso, assumir taxativamente, uma vez que o escopo da análise não é o mesmo.

As funções das estratégias analisadas estão sintetizadas no quadro 2.

QUADRO 2 – Funções dos tipos de discurso relatado

	Tipo de relato	Funções/Características
Manifestação explícita de palavras	Discurso direto	- Transmissão de uma ideia de autenticidade/fidelidade - Desresponsabilização pelo enunciado - Aproximação ao real
	Ilhotas textuais	- Transmissão de uma ideia de autenticidade/fidelidade - Desresponsabilização pela expressão - Aproximação ao real
Paráfrase	Discurso indireto	- Proximidade entre enunciado citado e enunciado citante - Capacidade de interpretação do enunciado citado - Maior enfoque no conteúdo do que na forma - Assunção da responsabilidade da interpretação e da transmissão - Sistema enunciativo mais homogéneo
	Discurso modalizado	- Modalização da asserção - Remissão à fonte do saber - Desresponsabilização pelo enunciado

Menção	Discurso narrativizado	- Capacidade de síntese - Maior interpretação - Maior distância entre o enunciado citante e o enunciado citado - Sem pretensão de representação da fala

Como podemos verificar, o DD e as IT são relatados através da manifestação explícita de palavras e partilham as funções de transmissão de autenticidade, desresponsabilização pelo enunciado e aproximação ao real. No caso do DI e do DM, apesar de a forma como o enunciado citado é relatado ser a mesma, isto é, através de paráfrases, as suas funções diferem ligeiramente. No caso do DM, há remissão à fonte do saber que permite a desresponsabilização pelo enunciado. No DI, há uma maior proximidade entre o enunciado citado e o enunciado citante, por isso, uma assunção da responsabilidade da interpretação e da transmissão, o que revela também a capacidade de interpretação do locutor. Finalmente, o DN manifesta-se por menção ao conteúdo sem nunca o explicitar. Por esse motivo, há um maior afastamento entre o enunciado citante e o enunciado citado.

Com base no quadro (2), constatamos que, apesar de o discurso académico-científico se caracterizar por apresentar uma linguagem objetiva, a seleção das vozes convocadas e as estratégias de convocação implicam subjetividade, na medida em que o locutor necessita de fazer opções a esse respeito, tal como referem Soares e Rodrigues (2016: 21).

4. Considerações finais

Este artigo procurou contribuir para o estudo da responsabilidade enunciativa, procurando igualmente favorecer a pesquisa acerca da delimitação do género artigo científico.

Tendo em conta os objetivos mais específicos deste estudo, procuramos estudar o fenómeno da responsabilidade enunciativa, tendo por base a proposta de Marques (2020), restringindo a nossa análise ao enquadramento teórico dos artigos. A seleção de artigos de duas áreas distintas visava

verificar se a área de estudos influenciaria de forma significativa a seleção das estratégias de referenciação e de RDR.

Através dos resultados obtidos, podemos tecer algumas considerações finais. Em primeiro lugar, verificamos que o RD é um mecanismo linguístico que está ao serviço da legitimação do conteúdo científico transmitido (Jorge & Luís 2018: 243). Em segundo lugar, constatamos, em conformidade com outros estudos, que a língua dispõe de diversos meios linguísticos para integrar a voz dos outros no nosso discurso, fazendo com que estas dialoguem entre si. Concordando com o que dizem Pinto e Valentim (2018: 308), a escolha dos mecanismos de responsabilidade enunciativa pode ser condicionada por diversos fatores, entre eles, o género textual, o contexto de produção e o papel social dos locutores.

Com base no nosso *corpus*, verificamos que os tipos de RD mais frequentes são o DI e o DD, sendo que o primeiro aproxima-se do DM por construírem a imagem do outro recorrendo a paráfrases, reiterando o que afirma Authier-Revuz (2008), e o segundo partilha semelhanças com as IT na medida em que a imagem do outro é construída através da manifestação explícita de palavras na superfície textual. Quanto às estratégias menos frequentes, a diferença não é estatisticamente significativa para podermos estabelecer uma correlação entre a área científica em que circulam os textos e a frequência e predomínio destas estratégias.

Tendo em conta a estratégia mais utilizada, parece-nos que os autores dos textos do nosso *corpus* dão preferência à construção de uma imagem que traduza a sua capacidade de interpretação e transmissão das teorias nas quais se basearam do que uma imagem de autenticidade e aproximação ao real.

A representação do discurso é um campo heterogéneo e, por isso, torna-se relevante compreender quais os objetivos comunicativos de cada uma destas estratégias. Dessa forma, este estudo permitiu verificar, tendo em conta o nosso *corpus*, a manifestação do intertexto no enquadramento teórico, isto é, o modo como os autores convocam outras vozes. Apesar de seguir a linha teórico-metodológica de Marques (2020), o presente estudo distancia-se deste último na medida em que analisa um *corpus* mais alargado e uma única secção do plano de texto.

Este trabalho abriu vários caminhos para investigações futuras, entre elas,

a verificação de outras marcas explícitas do posicionamento do locutor, a expansão da análise a outras secções do plano de texto do artigo científico, o contraste entre artigos das ciências sociais e humanas e das ciências exatas, um aprofundamento de cada uma das estratégias de RDR e uma análise exaustiva de pistas linguísticas subjacentes aos tipos de relato do discurso, entre elas, os verbos de comunicação utilizados e as suas funções comunicativas e os mediadores de posicionamento.

REFERÊNCIAS

Adam, J.-M. (2002). Plan de texte. In P. Charaudeau, & D. Maingueneau (Org.), *Dictionnaire d'anaylse du discours* (pp. 433-434). Seuil.

Adam, J.-M. (2008). *A lingüística textual. Introdução à análise textual dos discursos*. Cortez Editora.

Authier-Revuz, J. (1982). Hétégonénéité montrée eu hétérogénéité constitutive : éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV. Documentation et Recherche en Linguistique Allemande Vincennes, 26*(1), 91-151.

Authier-Revuz, J. (2008). A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo [D. C. da Silva, Trad.]. *Calidoscópio*, *6*(2), 107-119. (Trabalho original publicado em 2004).

Bakhtin, M. (1984). *Esthétique de la création verbale*. Éditions Gallimard.

Bernardino, R. A. S. (2015). *A responsabilidade enunciativa em artigos científicos de pesquisadores iniciantes e contribuições para o ensino da produção textual na graduação* [Tese Doutoramento]. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Bessa, J. (2007). *Referência ao discurso outro: uma análise de problemas de relações de sentido entre discurso citado direto e discurso citante no gênero monográfico* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Bessa, J., Bernardino, R., & Nascimento, I. (2018). A citação na escrita acadêmico-científica de estudantes universitários: da paráfrase ao plágio. *Encontros de Vista*, *2*,1-8.

Boch, F., & Grossmann, F. (2002). Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes [M. de L. M. Matêncio, Trad.]. *Scripta*, *6*(11), 97-109. (Trabalho original publicado em 2002).

Bronckart, J-P. (1996). *Activité langagiére: textes et discours*. Delachaux et Niestlé.

Charaudeau, P. (2016). Sobre o discurso científico e sua midiatização [M. E. Giering, & L. Cavalheiro, Trad.]. *Calidoscópio*, *14*(3), 550-556. (Trabalho original publicado em 2008).

Consul, M. (2008). Os discursos direto e indireto à luz da enunciação. *Revista dos alunos da graduação em Letras*, *10*(2), 87-104.

Costa, A. (2011, outubro 17-21). *O gênero textual artigo científico: estratégias de organização* [Comunicação]. II Semana Nacional de Ciência e Tecnologia do IFPE, Campus Caruaru, Brasil.

Coutinho, M. A. (2019). *Texto e(m) Linguística: teorias, cruzamentos, aplicações* (1.ª ed.). Edições Colibri.

Doğan, F; Yağız, O., & Kaçar, I. (2018). An investigation of the citation transformation types in M.A. and PhD theses. *International Journal for Educational Integrity*, (14), 1-15

Duarte, I. M. (1999). *O relato de discurso na ficção narrative. Contributos para a análise da construção polifónica de Os Maias de Eça de Queirós* [Tese de Doutoramento]. Universidade do Porto.

Duarte, I. M. (2008). O relato de discurso nos últimos romances de Camilo. *Revista Galega de Filoloxía*, *9*, 43-56.

Duarte, I. M. (2020). Discurso relatado. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (Vol. 3, pp. 2589-2613). Fundação Calouste Gulbenkian.

Ducrot, O. (1984). *Le dire et le dit*. Les Editions de Minuit.

Hyland, K. (1999). Academic attribution: citation and the construction of disciplinary knowledge. *Applied Linguistics*, *20*(3), 341-367.

Hyland, K. (2001). Humble servants of the discipline? Self-mention in research articles. *English for Specific Purposes*, *20*(3), 207-226.

Hyland, K. (2002). Authority and invisibility: authorial identity in academic writing. *Journal of Pragmatics*, *34*(8), 1091-1112.

Jorge, N., & Luís, M. (2018). O discurso relatado em textos de divulgação científica na imprensa portuguesa atual. In J. Veloso, J. Guimarães, M. da P. Silvano, & R. Sousa-Silva (Orgs.), *A Linguística em diálogo – Volume comemorativo dos 40 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto* (pp. 229-245). CLUP.

Maingueneau, D. (1993). *Eléments de Linguistique pour le texte Littéraire*. DUNOD.

Marques, M. A. (2020). Vozes da ciência. Discurso científico e enunciação. In J.

Nascimento, & A. Ferreira (Orgs.), *Discursos Constituintes* (pp. 11-33). Blucher.

Pinto, A. S. (2018). *Marcadores de reformulação parafrásticos no género artigo científico* [Dissertação de Mestrado]. Universidade do Porto.

Pinto, R., & Valentim, H. (2018). Discurso relatado e responsabilização enunciativa em géneros académicos. In J. Veloso, J. Guimarães, M. da P. Silvano, & R. Sousa-Silva (Orgs.), *A Linguística em diálogo – Volume comemorativo dos 40 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto* (pp. 307-320). CLUP.

Rabatel, A. (2012). Les relations Locuteur/Énonciateur au prisme de la notion de voix. *Arts et Savoirs*, (2).

Reyes, G. (1993). *Los Procedimientos de Cita: Estilo Directo y Estilo Indirecto*. Arco Libros.

Rosa, R. (2020), *A noção de Padrão Discursivo: Textos e Géneros em Análise* [Tese de Doutoramento]. Universidade Nova de Lisboa.

Sibanda, J. (2020). Citation Mania in Academic Theses Writing: A case Study. *Academic Journal of Interdisciplinary Studies*, *9*(4), 219-230.

Soares, E. S., & Rodrigues, M. G. S. (2016). Análise textual dos discursos e a abordagem enunciativa da argumentação: a responsabilidade enunciativa e as estratégias linguístico-textuais da orientação argumentativa da sentença judicial de crime contra a dignidade sexual. *Diálogo das Letras*, *5*(1), 6-35.

Soler-Monreal, C., & Gil-Salom, L. (2011). A cross-language study in citation practice in PhD theses. *International Journal of English Studies*, *11*(2), 53-75.

Swales, J. M. (1986). Citation analysis and discourse analysis. *Applied Linguistics*, *7*(1), 39-56.

Swales, J. M. (1990). *Genre Analysis: English in academic and research settings*. Cambridge University Press.

Thompson, G., & Ye, Y. (1991). Evaluation in the reporting verbs used in academic papers. *Applied Linguistics*, *12*(4), 365-382.